

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MARANHÃO SOBRINHO

Papeis Velhos

...roidos pela traça do Symbolo

MARANHÃO—1908

Typ. Frias

A MEUS PAIS

*Offereço, dedico e consagro
este livro.*

Qui veut vaincre ne peut pas céder.

Ibsen.

Temos bom corpo, irmão; vamos cavar...

Antonio Nobre.

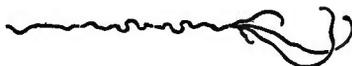
A ROSA BRANCA.— Tenho pena de quem julga a espada mais lisongeira que a lyra. A desillusão de Arthur será tremenda...

A ROSA VERMELHA.— Maior compaixão merece quem considera um sōneto superior a um heroismo. Arthur vai cahir fulminado da desillusão...

Armando Erse—**BATALHA DE FLORES.**



PAPEIS VELHOS



João
Augusto
de
Mata
Ferreira
de
S. Paulo
1919

SONETOS E POESIAS

Velhos papéis... de versos. São pedaços
da minh alma, batidos pelo vento,
como as folhas do outomno... Guardam traços
de um tempo, que passou, sem pensamento...

Preso nãlgema dos teus alvos braços
teei-os; cada um lembra um momento
do nosso amôr que, por eternos laços,
outrora, nos unia a um firmamento...

MARANHÃO SOBRINHO

Se alguma glória têm, formosa, é esta:
tudo o teu celesse amor perfuma,
em todos ha tua alma em riso e festa !

Velhos papeis, meu ultimo conforto !
sois uma nódoa ephemera de espuma
perdida á face azul dum lago morto...

SONETOS E POESIAS

O MAR

Ouve ! O mar. escarpando as rochas, na agonia
do sol. parece ter na voz o humano accento
de dôr ! Reza. talvez. Vai recolher-se. O dia
se ajoelha e a tarde. em sonho, abraça o firmamento!

Como nós. pôde ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta também; precisa. em movimento.
trazer um coração... Quem sabe o que irradia.
no seu intimo. em doce e azul recolhimento !

MARANHÃO SOBRINHO

Escuta ! Uma onda vem beijar-te os pés. Não ha de calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quêrulas as ondas todas são. Ouve-lhe a voz. Piedade !

O mar leva-me a crêr que tem paixões mortaes em que rolam, brilhando, as lagrimas das perolas e palpita, fervendo, o sangue dos coraes....

SONETOS E POESIAS

MA - TSU

Sobre o leito de sêda azul marinho
com uma paizagem de Youk-San, ridente,
Ma-Tsu dorme e a luz do Sol-Nascente
vem beijal-a amorosa, de mansinho...

Seu morno somno é o de uma flôr olente;
não respira tão leve um passarinho !
Sobre o seu leito, que parece um ninho,
mais azul se desdobra o céu do Oriente.

MARANHÃO SOBRINHO

As margens do Pei-Ho, verdes, bizarras,
doiram-se ao sol: das frondes se desata
a musica nervosa das cigarras...

E souha Ma-Tsu horas risonhas
que um par de pombas niveas a arrebatá
sobre um lago com lotus e cegonhas...

ANJO MORTO

No dia em que ao meu amôr
de azas abertas, vieste,
como os anjos do Senhor,
chorou-me nalma um cypreste,
ó meu pequenino amôr !

Bem vi, entre mil abrolhos,
infeliz rosa-menina,
pela mudez dos teus olhos,
que morrias pequenina...

Sobre o berço alvo e innocente,
que os teus sorrisos doiravam,
os anjos serenamente,
todas as noites baixavam,
com travessura innocente...

MARANHÃO SOBRINHO

E, uma vez, lírio da fonte
que um só dia me sorriste,
beijaram-te a nivea fronte
as azas de um anjo triste !

Nunca mais, de olhos vermelhos,
chorando como os meninos,
deixei de dobrar os joelhos
aos esquifes pequeninos,
de chorar de olhos vermelhos !

Desde então do desconforto
minhalma ficou captiva;
se passava um anjinho morto
ia vêr se estavas viva...

E que praser em segredo
meu peito de pai sentia,
se, depois de tanto medo,
tua bocca em flor me sorria
como a dizer-me um segredo...

Dê-me hoje pensar, Celeste,
que, em tua nivea mansão,
a raiz de algum cypreste
te atravessasse o coração...

SONETOS E POESIAS

SINHA'

Vem do passeio matinal, de blusa
de sêda azul, com flores no peitilho;
e o seu passo estudado de andaluza
canta, como um canario, no ladrilho..

A deslumbrada multidão confusa
proclama-a bella, em trétego estribilho,
e é para os olhos captivar que uza
luvas *gris-perle* e cinto de junquillo !

MARANHÃO SOBRINHO

A saia de surah de um verde-palha
trác-lhe as formas gentis, e, presa ao cinto,
a *châtelaine* de cascadeis chocalha..

Com o seu sorriso as mais rivaes apouca,
e exhibe a chaga aberta de um jacintho
vivo, no excelso rouxinol da bocca...

SACRIFICIO

Por teu sereno amor, todas as grandes dôres
sobrehumanas, feliz, supportarei ! Caminhos
abertos como o céo, millionarios de flôres,
deixarei, neste val, por veredas de espinhos...

Ai ! que será de mim quando em breve te fôres
saudosa ! E como vão ficar mortos os ninhos !
Sem teus olhos aqui despirão seus verdores
os valles ! Morrerão de pena os passarinhos !

MARANHÃO SOBRINHO

Quantos tempos, depois que te fôres, a casa
que deixas, guardará teu perfume, adejando
no ar, como se fosse uma invisível aza!

E eu poderei, aqui, respirando-o, ficar,
vendo-te em tudo o que me cerca, e acreditando
que te foste de mim para não mais voltar?

SONETOS E POESIAS

MORTE DO LIRIO

Fecha-se a tarde: as côres do martyrio
se derramam no céo, por mil palletas:
choram ramos e extingue-se o delirio
nas almas virginaes das borboletas. . .

Empallidece sobre o caule um lirio
e morre; gemem ladainhas pretas:
cada bohemio vagalume é um cirio
no coração das roxas violétas. . .

MARANHÃO SOBRINHO

Passam gemendo as virações: as rosas
fidalgas, sobre as hastes debruçadas,
de que morreu, perguntam curiosas,

Diz a açucena, o amor da solidão:
foi o sol que, com sete punhaladas
de seus raios, rasgou-lhe o coração

SONETOS E POESIAS

SOROR THEREZA

.. E um dia as monjas foram dar com ella
morta, da côr de um sonho de noivado.
no silencio christão da estreita cella.
labios nos labios de um Crucificado..

Somente a luz de uma piedosa vela
ungia, como um oleo derramado.
o aposento tristissimo de aquella
que morrera num sonho. sem peccado..

MARANHÃO SOBRINHO

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguém soube de que dôr eserava
morrera a divinal soror Thereza . . .

Não creio que, do amor, a morte venha,
mas, sei que a vida da soror boiava
dentro dos olhos do Senhor da Penha . . .

SONETOS E POESIAS

BRUXO

Vou, feliz, construir, no paiz dos meus sonhos,
um supremo solar de ricas pedrarias,
assente á beira duns precipícios medonhos,
onde um sol perennal brilhe nas penedias. . .

Verdes valles, em flôr amplíssimos, risonhos,
grandes se estenderão, como por bruxarias,
aos meus olhos, assim como as nuvens tristonhos,
e azas de oiro virão cantar nas ramarias !

MARANHÃO SOBRINHO

Guardarão meu solar de radjahescas pompas
mil guerreiros anões, de panoplias de moiro,
que o espaço encherão de clangores de trompas...

E, ao supremo clangor das rutilas nubias,
desfilarão, ao sol, com os seus turbantes de oiro
e tunicas gentis, dez mil escravas nubias

CEGO E SO

O inverno vem, cruel, nas frondes cabriolando,
batendo, no arvoredó, a plumagem dos ninhos...
Ai ! que será de mim, que não vejo, e ando errando !
Ai ! que será de vós, azas de passarinhos !

Vai-se-me a alma nos ais tristes, de quando em quando,
e estes ventos cruezis ! e estes frios caminhos !
Só cardos os meus pés pizam, se ensanguentando
Não sei para que o ceo fez invernos e espinhos !

MARANHÃO SOBRINHO

Ja nem mais minhas mãos erguer às nuvens oiso !
Nos meus labios se esváe a voz apunhalada . .
Quem me dera encontrer as tres palhas de um poiso !

‡O inverno para mim tem geleiras de brazas . . .
‡Se ainda ninhos houvesse ali numa ramada ,
‡e eu pudesse caber dentro de duas azas !

SONETOS E POESIAS

CASTELLO ASSOMBRADO

Meu desolado coração parece,
cheio de ruínas, um solar de outrora,
em cujos torreões somente cresce
a solitaria parasita agora...

Desde que a noite, entre pavores, desce
ao vir cantando, pelo espaço, a aurora,
um bando de visões nelle aparece
e, às vezes, nelle uma guitarra chora !

MARANHÃO SOBRINHO

São as almas dos meigos Trovadores
tristes, cantando às castellãs amadas
os rimances azues dos seus amores

e as aventuras dos combates moiros...
Passa, beijando as cruces das espadas,
o bando regio dos fidalgos loiros..

A SAUDADE

A aza que voa é mais feliz
Que nós, que, em lagrimas, amamos...
Que a nossa bocca triste diz?
tristes lyrismos sem matiz
e sem as operas dos ramos...

Quanta distancia nos separa !
(Tristes mares ! tristes céos !)
A minha dor é tão amara.
ó minha doce lua clara !
ó meu adeus ! qual meu adeus...

Bem me disseram que partias,
deixando um leito sem piedade...
E vão passando sempre os dias...
Porque não vens com as alegrias,
estatua branca da saudade ?

MARANHÃO SOBRINHO

Este violaceo sentimento
nasce do nosso triste amor:
é um riacho de lamento,
um rio de padecimento
tão grande como a minha dor. .

Nós somos dois incompreendidos,
dois tristes pobres desolados,
de tanto amor, já sem sentidos,
por entres lagrimas perdidos,
dois corações amortalhados !

Vejo-te, em lagrimas, distante . . .
ai ! tão distante como o sol !
Triste Saudade, minha amante,
tu és a nuvem mais brilhante
do meu intermino arrebol !

Sempre em meus olhos, a tristeza,
pungidos pela impiedade !
E o meu amor é a natureza,
pungido assim, nesta aspereza,
de saibros roxos de saudade . .

D. MYSTICA

Quando a morte velar os meus olhos e as minhas
mãos tremerem nas mãos, que me estendes, nervosas,
seja o meu beijo, ó flor, o ultimo ! nas rosas
do teu rosto ! Sonhei que á minha morte vinhas .

Hei de. em ancias crueis, eingir-te e, com as chorosas
crenças nalma a emigrar com azas de andorinhas,
dizer-te o meu adeus, o ultimo ! nas vinhas
ouvindo o soluçar das rôlas amorosas !

E se dos olhos teus, no sagrado transporte,
na agonia, rolar uma lagrima viva,
então verei o céu antes de ver a morte !

Santa, a sombra já vem, nos olhos tenho-a aberta !
e uma alma que viveu de uma outra alma captiva,
nem nas nuvens do céu pode viver liberta !

DOCE BEM

Quando, dentro de nós, o amôr em bens desfeito,
abre as azas de luz e, em sonhos, rouxinola,
parece que as manhãs nascem do nosso peito
e que do nosso olhar Deus, sonhando, se evola . .

O mundo para nós torna-se mais estreito
e a propria dôr cruel de espinhos nos consola;
dentro da nossa voz ha um pombal satisfeito
como na voz de um pobre ao beijar uma esmola. . .

MARANHÃO SOBRINHO

Que seria de mim, alma feita de escombros,
se o amor, o claro amôr, o eterno amor, o amôr
a púrpura da fé não me prendesse aos ombros?

Abraça-me, que o amor vem dos teus braços! Vem
sorrir-me, que abre o céu para nós, alma em flor,
as portas de ouro e sol de outra Jerusalém. . .

SONETOS E POESIAS

SALOMÉ

Sob o raro esplendor da tua mão direita,
de joelhos, atravesso os saibros da existencia,
pela senda cruel das lagrimas, estreita
demais, para conter minha dor na eminencia !

Aurea Porta do Céu, onde o arrebol se deita
possues dos astros bons a luz, a vida, a essencia !
Os teus seios em flor, que o meu beijo respeita,
são dois rosos rosaes em rosca florescencia, .

MARANHÃO SOBRINHO

Ha no teu triste olhar a nevoa azul dos mythos
e o vivo resplendor das auroras supremas
que incendeiam, no ceo, os vergeis de eucalyptus...

Só tu enches de sol minhas crenças remissas,
e lembra o teu candor, que me traz sob algemas,
hostias, cirios, altar, thurybulos e missas !

SONETOS E POESIAS

ROSA MORTA

Quando morreu meu bem, só de tristezas,
os ninhos se calaram, pelos galhos;
exhalaram-se os ramos, nas devezas,
e exhalaram-se os lírios dos atalhos...

Seus olhos, que eram húmidas turquezas,
no candor eram límpidos orvalhos,
olhos bonitos de enciumar princezas...
olhos bonitos de enciumar serralhos !

MARANHÃO SOBRINHO

Essa tristeza, que, em meus olhos, arde,
é como a que das nuvens de oiro desce
sobre os pombaes, em lagrimas, de tarde !

Saudade, ó doce bem que me confortas !
perfuma para sempre a minha prece
às almas brancas das rocciras mortas !

MUSA IMPOLLUTA

Casta como tu és, de corpo e de alma, casta
nos sonhos e no olhar, dessa ampla astral brancura,
o próprio orvalho, a própria luz dos sonhos basta
para manchar-te o corpo e manchar-te a alma pura !

No mundo, onde o desejo as almas, mau, vergasta
e enlaça tudo como a serpe da Escriptura,
fazes, limpa, lembrar, na fé que ao bem te engasta,
um lírio que sorri sobre uma cova escura. . .

MARANHÃO SOBRINHO

Não te seduz o mal com os seus vis resplendores...
Vives sem culpa como a alma que se desata,
às bençãos do luar, do coração das flôres !

Jamais roçou-te a fronte a aza irrial dos vícios,
e nunca os joelhos teus dobraram-se na oblata,
nem morderam-te o corpo os pregos dos cilícios !

SONETOS E POESIAS

SANTA

Santa ! O teu nome, que é do céo, destila
o mel sagrado dos sagrados favos;
dentro delle o crepusculo desliza
e ha threnos de oiro de canarios flavos !

Vendo-te, odeio essa mundana argila
de fructos varios de exquísitos travos
e nos meus olhos brilha a luz tranquilla
do amôr que faz dos corações escravos...

MARANILÃO SOBRINHO

Toda tu és amôr, sonho e pureza!
Fazes lembrar aos corações sangrados,
entre as nuvens do céu. Santa Thereza...

Santa! O teu nome é o meu tormento. Pensa!
Vivem sempre os meus olhos deslumbrados
nos legendarios marmores da Crença...

ANCIA INNOCENTE

Ai ! como bom para nós dois seria
se o bom Deus. dessas lendas milagrosas.
cheio de amor. nos concedesse um dia
dois brancos pares de azas vaporosas !

Não sei mesmo, de alegre, o que eu faria !
Deixando os lírios e deixando as rosas.
feliz contigo às nuvens subiria
para o noivado em flôr das nebulosas...

MARANHÃO SOBRINHO

Na carieia de pluma de uma Trova,
Viveríamos nós, nós dois sósinhos,
lá nas terras fieis da Lua-Nova...

Morrer longe dos homens e das casas !
Se Deus nos desse, como aos passarinhos,
dois brancos pares de travessas azas !

O AMOR

Quando tuas azas cor de rosa,
doidas bateram no meu seio.
toda a minha alma tediosa
tremeu na haste luminosa
do sonho, azul como um gorgéio !

O amor, é um limpido caminho
que vae direito dar no céo,
mas voa como um passarinho...
Porque deixaste-me sosinho
dessa saudade sob o véo ?

Não sabe o mundo o que é o amor...
E' ineffavel o sentir !
Por toda parte ha espinho e flor...
Minha alegria e minha dor.
onde te posso descobrir ?

MARANHÃO SOBRINHO

Amiga ! quando eu poderei
ver-te ? não basta de impiedade ?
Ai ! nunca mais te esquecerei !
Como mais dias viverei
por essa interminável sandade ?

A minha bocca é da amargura
da sede amarga do Calvario !
Ai ! porque a vida tanto dura ?
Sejas bendita, ó sepultura,
triste silencio mortuario !

O amor ! o amor ! a tua imagem,
amiga: o beijo e a ingrãtidão !
Outrora á nossa aurea passagem,
pela esmeralda da ramagem,
que mundos suaves de canção !

Quando voltares ao nosso ninho
um anjo bom perfumará . . .
(Ha quanto tempo estou sosinho !)
O sol, em pompas, teu caminho
de sonhos nublados doirá !

SONHO ALADO

Quando minha, meu bem, somente fôres,
que podermos viver, nós dois, sósinhos,
iremos habitar, num eó, juntinhos,
um doirado chalet de luz e flôres...

Virão, deixando a tepidez dos ninhos,
nos despertar, aos matinaes fulgores,
do nosso sonho rútilo de amôres,
azas flebeis de luz, os passarinhos.

MARANHÃO SOBRINHO

Andaremos, à luz das madrugadas
plenas, correndo pelos campos fóra,
tendo, no peito, um mundo de alvoradas...

E, ao voltarmos, os teus cabelos pretos
virão loiros dos osentos da aurora
e os meus lábios repletos de sonetos...

SONETOS E POESIAS

OLHOS DE AMOR

Volve-me os olhos lípidos ! que um raio.
vindo do sol dos teus olhares, canta
nos meus sonhos assim como a garganta
de uma ave dentro do calor de Maio !

Ha dos teus olhos sob os cílios, quanta
luz ha nos céos em que te vendo, caio...
Vives em mim num lípido desmaio,
santa nos beijos e nos olhos santa !

MARANHÃO SOBRINHO

Trazes no olhar, em milagrosos traços,
o romance irreal do meu passado
feito de beijos, lágrimas e abraços...

Volve-me os olhos de saudade cheios !
Brilha o meu sonho, em sonho, aleandorado
nas torres de marfim dos teus dois seios !

ARTE

Eleita do luar. prende-me aos braços ! Quero
apertar-te no ardor das ancias erminosas !
Parece o teu olhar um vivo reverbéro
de sol, num lago azul, desespero das rosas !

Tremo ao beijar-te os dois fructos do seio ! O austero
das linhas sensuaes do teu corpo, radiosas,
faz lembrar as visões que, entre sonhos, espero
e as estatuas sem cõr das dryades chorosas...

MARAN HÃO SOBRINHO

Da-me a beber o mel de teus labios vermelhos,
que os desejos em mim, como infernos, crepitam
e eu tremo ao te beijar da fronte aos alvos joelhos!

Quero exhalar-me, assim, nos teus braços, exangue,
beijando-te, a sonhar, as formas, que palpitam,
estendido na cruz de espinhos de teu sangue!

SONETOS E POESIAS

REGRESSO DE MAIO

Maio! Azas, ao céu! Ó laranjeiras,
cobri-vos todas de botões sagrados!
Ninhos, hosanna! Ao céu cantai, roceiras,
o mez das orações e dos noivados

Mansos lagos de lípidas esteiras,
ao vir e ao pôr do sol, de oiro plissadas,
brilhai! Subi, cantigas e poeiras,
pelos ares de beijos perfumados!

MARANILÃO SOBRINHO

Maio ! Ha sonhos nos olhos das violetas,
o, de alegria, partem-se na estrada,
as azas virginaes das borboletas.

Foi-se a tristeza funeral dos goivos !
Passa a imagem do sonho, immaculada,
dentro dos olhos humidos dos noivos...

SONETOS E POESIAS

ROMANA

Cega-me esse esplendor de antigas ruínas,
que, nos teus sonhos. entre as nevoas de idos,
tempos, brilha, lembrando as cesarinas
féras, cireos e porticos partidos...

Ha nos teus olhos, de expressões divinas
os favos bons dos fructos prohibidos
e o veneno das cousas levantinas
que labios queima e que entorpece ouvidos !

MARANHÃO SOBRINHO

Quando passas, no incendio das caricias,
oigo o bater dos gladios legendarios,
e o roçar das tunicas patricias . .

Brilham-te as formas, na infernal luxuria,
que os meus sonhos bordou de mil Calvarios,
como as sagradas purpuras da Etruria !

BOM TEMPO

Que mão os campos maus dos meus sonhos amanha,
em cuja gleba ha só cardos, saibros e ortigas,
quando o inverno glacial. cruel, as frondes apanha,
e o vento forte esfolha as macieiras antigas ?

A nevoa veste o azul do valle e da montanha,
no entanto oiço vibrar o crystal das cantigas,
e outro sol de oiro tece uma tèa de aranha
no céo e ha madrigaes entre flores e espigas !

MARANHÃO SOBRINHO

Ah ! que o tempo do amôr da alegre ceifa vulta,
bonito como o sol nos dias de esfolhadas
nas granjas, com o favor do Bom Jesus da Penha !

Deus ampare os trigaes do joio dos demonios,
que oiço, de hoje, em canções, pelas searas doiradas
a guitarra da voz dos ceifeiros camponios !

CAMINHO DO CÉU

O céu é dado aos martyres. agora
vamos nós dois, o mundo abandonando,
ouvindo os ninhos, sem querer, cantando
estrada azul do paraíso afóra...

Em breve, mornos beijos permutando,
phrases cortadas de paixão. Senhora,
a escadaria rutila da aurora
galgaremos, sorrindo e suspirando !

MARANHÃO SOBRINHO

Vamos nós dois ! Aos martyres é dado
o claro paraíso que sonhamos,
cheio de amôr, immenso e constellado !

'Abre-se o céo ! Na curva do caminho
as azas cantam nos dolentes ramos...
Teceremos no azul o nosso ninho !

A TRISTEZA

Para que temos coração,
neste mundano apodrecer?
Meus olhos só tristezas, são
viuvos de consolação...
Meu sonho límpido é morrer...

Por toda a parte as agonias
batem as azas tenebrosas...
Ai! noites, gemeas dos meus dias
cheios de sombra e ventanias,
amo as estrelas suspirosas...

Por este pantano mortal,
As nuvens são minhas irmãs...
Com as brandas azas do ideal,
vou adejando sobre o Mal,
No oiro do sonho das manhãs...

MARANHÃO SOBRINHO

Amiga ! a tua longa auzencia
é da mais triste natureza...
um campo roxo em florescencia.
Vivo bebendo a tua essencia
na taça amarga da tristeza !

São infinitas minhas penas,
tão infinitas como Deus !
Bebo as tuas lagrimas serenas,
em sonhos ! Ai ! quizera pennas
para voar aos braços teus !

Minha tristeza é o soffrimento
mais doloroso desta vida...
Perdi, te amando, o pensamento:
elle se foi na voz do vento !
Ai ! triste petala perdida...

Amiga ! as minhas tristes dores
e as dores tuas são eguaes...
mutuos e eguaes nossos amores !
Teus olhos têm os resplendores
da alma viva dos crystaes...

SONETOS E POESIAS

MAE

Mãe ! não sei te dizer quanto te estimo,
quanto te quero, nesta ausencia ! Quanto
mais te préso e te adoro, ó vulto santo !
mais das cousas ethereas me approximo...

Nos meus olhos as lagrimas reprimo,
se penso em ti, que me idolatras tanto;
brilha o teu vulto aereo e sacrosanto
em cada verso que architecto e rimo !

MARANHÃO SOBRINHO

Salve, ó Mãe piedosa, que por minhas
magoas, longe de mim, triste padeces,
que, de saudade aos poucos, te definhas !

Quanto me alegro, quando em ti pensando,
sei que um rosario rútilo de preces
vaes, por mim, na existencia, desfiando...

ETERNO THEMA

Cae o luar em cheio pela estrada,
e tu me esperas, pallida e medrosa,
pois é chegada a hora suspirosa
da entrevista ha dias combinada !

Hoje não vem ! murmuras anciosa,
volvendo os olhos á deserta estrada:
belisca a brisa as folhas da ramada
e o ninho sonha uma canção sandosa !

MARANHÃO SOBRINHO

Estala um ramo, e dizes, suspirando:
é elle ! é elle ! No entanto, amada,
em von minha chegada retardando...

Chego: arrufos, suspiros e desejos...
Minhalma toda de paixão banhada
vibra a guitarra tremula dos beijos !

SONETOS E POESIAS

FUGINDO

Maio vinha cantando, pelos ramos,
ao céu azul e à terra verde em festa,
cheirava o campo e a quérula floresta
cantava pela voz dos gaturamos...

Quando tu, cujo olhar divino empresta
luz aos astros do azul, chegaste; erramos
em não tecer o ninho que habitamos -
de um valle numa esmeraldina fresta...

MARANHÃO SOBRINHO

Hoje, no meio do infernal bulício
do mundo, temo que, camélia linda,
não vá manchar-te as pétalas o vício!

Os ninhos ungem de harmonia os ramos
e a primavera acena-nos ainda...
Vamos morrer longe do mundo! vamos!

SONETOS E POESIAS

ROMANTICO

Casto, aromal, a rosas rescendendo,
vai o luar, em nuvens luminosas,
pelos amplos espaços se estendendo
e dissipando o olhar das nebulosas...

As estrelas desmaiam, vão morrendo,
almas tristes de noivas vaporosas
que os noivos vivem suspirando, os vendo
entre nuvens de auroras gloriosas...

MARANHÃO SOBRINHO



Desmaiam, cheias de ideias vertigens,
as almas virgínicas dos trovadores
sob o balcão das suspirosas virgens...

Sob a luz do luar, no céu risonho,
hoia a góndola azul dos meus amôres
sobre a Veneza triumphal do Sonho...

SUPREMA GLORIA

Quando, ó musa pagã ! vibras o plectro
de oiro, sonhando, pelo espaço, os astros
para te ouvir concentram-se; de rastros
fogem de ti os histriões do Metro !

Brilha-te a fronte como os alabastros
sob a unção do luar e o augusto sceptro
que á dextra empunhas, carinhoso Espectro,
rutila como a flammula dos astros !

E, deixando estes antros vis, profundos,
onde os homens gladiam-se ferozes,
as azas molhas no crystal dos mundos...

Sobes, a lyra tremula vibrando...
Parece até que Deus passa, nas vozes
tuas, um credo de paixão cantando !

SONETOS E POESIAS

CAVALLEIRO

No fozoso coreel do Verso, pelas
encruzilhadas das Paixões cavalgo...
Cobre-se o chão de rutilas estrellas
por onde eu, louco cavalleiro, galgo!

Com um guerreiro legendario, algo,
aos olhos dos rivaes, pareço e áquellas
virgens do sonho, de perfil fidalgo,
flavas tranças e limpidas capellas...

MARANHÃO SOBRINHO



Cavalleiro do prelio immorredoiro
do amôr, eu vou da gloria aos cimos de oiro,
por entre pompas e triumphos raros...

Santo ideal ! santo ideal risonho !
Busco o Santo-Sepulchro do meu sonho
na Terra-Santa dos seus olhos claros...

AVE ERRADIA

Meu pensamento ! quando. em ti pensando
penso que me abandonas, que me deixas,
minhalma é como um riacho soluçando
as mais sonoras e dolentes queixas...
Meu pensamento ! vivo em ti pensando !

Ai ! se eu podesse te esquecer ! seria
para mim um suave lenitivo
a tantas dôres que, de noite e dia,
vivo soffrendo e padecendo vivo...
Como o meu coração feliz seria !

MARANHÃO SOBRINHO

Minha felicidade e meu tormento !
porque me deixas ? A saudade minha
te seguirá ! O amor no pensamento
tem azas de condor e de andorinha...
Poupa-me, ó ave, esse cruel tormento !

Se dos meus braços, amanhã te fôres
que será da minha alma ? Então meus dias
passarão, como, ao sol, as pobres flores,
cheios de maguas como as ventanias...
Ai ! que será de mim quando te fores !

Rosa do amôr ! estrella do tristonho
azul do peito meu ! porque te vaes ?
Porque deixas o ninho de meu sonho,
ai ! para sempre, para nunca mais ?
A minha vida é um roseiral tristonho...

SONETOS E POESIAS

Se ao menos, fosse eu passaro, esperava
os teus braços de amôr e o teu carinho...
Com a alma, embora da saudade escrava,
como eu te esperaria ó passarinho !
Com que saudade immensa eu te esperava !

Vae ! bate as azas como as andorinhas,
no tempo triste das emigrações !
Atraz de tí vão-se as sandades minhas
batendo as azas pelas solidões,
Como as doudas e negras andorinhas !

Adcus, celeste amôr ! Porque me deixas
doudo de amôr, sepioso de desejo ?
Se são dolentes estas simples queixas
é porque nunca mais sei que te vejo !
Por que rasão te vaes ? Por que me deixas ?

MARANHÃO SOBRINHO

Vae dôce amôr, que um dia me sorriste
e que um momento apenas descansaste
no meu seio... Voltando, alegre ou triste,
talvez, o encontrarás quando o buscares !
Quando, para mentir-me, tu sorriste...

SONETOS E POESIAS

CHROMO

Desce a tarde. Faisca o sol distante,
tingindo o céu de purpura sagrada
e, dos montes, doirando, instante a instante,
a sinuosa e oblonga cumiada...

Do mar a face de oiro e azul plissada
faisca opalas vivas, coruscante
como um pedaço immenso da alvorada
entre as glórias e as pompas do levante !

MARANHÃO SOBRINHO

De vez em quando, sobre a face immota
do mar, toda a fulgir de pedraria,
toça a aza de luz de uma gaivota...

E vão chegado, aos últimos fulgores
do sol que vai doirando as penedias,
longe, os bacos gentis dos pescadores...

SONETOS E POESIAS

MEU CANARIO

Minha vizinha, um prodigo thesoiro
de bondade, no meu aniversario,
offereceu-me gentilmente um loiro
conirostro; nem sei a que compare-o...

Os versos do meu quérulo rimario,
desde esse dia, com seus threnos, doiro;
parece a febril voz do meu canario
o alegre tilintar de guizos de oiro !

MARANHÃO SOBRINHO

Mal no espaço se abre a ventarola,
de luz da aurora, meu canario canta,
entre os fios doirados da gaiola...

E que harmonias não desprende quérulas !
Parece que lhe vibra na garganta
de oiro, um punhado de crystaes e perolas...

SONETOS E POESIAS

A UM BEBEDO

Não ! Nada de ferir-te, alma sem sorte,
queimada em flôr nos lodaçoes immundos,
que, para acobardar teus aís profundos,
bebes, no vinho, diluida. a morte...

Conheço a vida e seus parceiros profundos,
em que fluctua a idéa de um transporte
daguia, claro, de luz, sublime e forte.
atravez da grandeza alta dos mundos...

MARANHÃO SOBRINHO

Fazes bem: é o não ten pensamento:
a embriaguez é a aza protectora
das sombras virginaes do esquecimento...

Espuma o nectar nos festins de Hebe !
Alguma coisa horrivel, vingadora,
no mundo estulto, te persegue, hebe !

SONETOS E POESIAS

OLHOS VERDES

Os olhos verdes, seus, onde florescem
as frondes jaldes do meu verso, estranhas,
aos desolados olhos meus parecem
duas verdes Helvecias sem montanhas...

E quando, como um plenilúnio, descem
do meu amor, as íntimas entrañas,
os outonhos das crenças reflorescem,
resurgindo na luz das seivas ganhas...

MARANHÃO SOBRINHO

Nas sombras tristes dos seus longos cílios
passam mysticos fânomos destumbrados,
na pocira ineffavel dos idyllios...

Seus olhos verdes, de carícia e mel,
nos longes alvos, das paixões, doirados,
são como as flechas de Guilherme Tell...

NOIVANDO

Num dia azul de sol, na minha terra:
oiro nas nuvens ! todo o céu doirado !
oiro nos campos virides, na serra,
e oiro a cantar no céu do meu noivado !

Vamos de braços: para nós se encerra
a vida em nosso amor, ao nosso lado...
Nossa Senhora em nossos olhos erra
como a innocencia dentro de um peccado !

MARANHÃO SOBRINHO

Ha rufos de azas pelas nuvens ! Quanta
meiguice plumea pelo curvo espaço !
Tudo, ao ver-nos passar, cochicha e canta...

Os sinos vibram festivos, sem goivos,
e, ao festivo rumor do nosso passo,
os lírios brancos desabrocham noivos...

ESTRELLA MATUTINA

Da santa glória no soberbo serro,
que as nuvens rasga pelo azul acima,
nas labaredas purpuras da rima,
quero cantar-te em symbolos de ferro !

Não ha, no verso, quem meu verso opprime !
No rubro inferno dos martyrios erro...
Deus, que os meus sonhos de luar anima,
dentro dos olhos de propheta encerro !

MARANHÃO SOBRINHO

Quebrei da carne os lubricos rosarios...
Com Magdalenas loiras me mentiram
nas roxas convulsões de cem Calvarios !

Queimam-me os olhos desesperos nuveos,
e, sobre elles, das mãos do céo, caíram
as aguas infernaes de cem diluvios !

CHEIA DE GRAÇA

Graça toda tu és; por onde pizas
rebentam sonhos, como em Maio flores,
cochicham ramos e farfalham brisas
e o proprio céo, de amôr, muda de côres...

Sobre as hastes nervosas e indecisas
beijam-se os sonhos, roçam-se os amôres;
ha crepusculos no azul das aguas lisas
e volatas do valle entre os verdores !

MARANHÃO SOBRINHO

Tudo, ao ver-te passar, logo se encanta...
E, quando passas, encantando tudo,
o chão, sob os teus pés, palpita e canta !

Passas, e, ao sol da tua regia gala,
tudo o que é cego e eternamente mudo,
abre os olhos à luz, suspira e fala !

CONFIDENTES

Para escrever-vos, Senhora,
esta cartinha gentil,
molhei na tinta daurora,
que doira o contente Abril.
a minha penna, Senhora !

Sendo, em extremo, franzinas,
as folhas da violêta,
tracei nas azas divinas
duma aerea borboleta
estas estrophes franzinas !

Fui pedir aos frageis ninhos
que sonham pelos silvêdos,
vozes, suspiros, carinhos,
e os perfumes dos segredos
da tepidez dos seus ninhos,

MARANHÃO SOBRINHO

para, nuns versos doirados,
como o seio duma flôr,
correctamente acabados,
vos confessar meu amor...
Eis os meus versos doirados !

Que ardor minha alma consome
como um punhado d'abrolhos...
só em pensar que meu nome
vai passar por vossos olhos !
Como este amor me consome !

Dentro deste meu trabalho
crystaliso o meu amôr
como as lagrimas do orvalho
no peito de agreste flôr !
Recebei, pois, meu trabalho !

SONETOS E POESIAS

SARAH

Quando os seus olhos, flebeis de meiguice,
fecharam-se e a mudez beijou-lhe a face,
não houve um ramo só que o não sentisse
nem um ninho, um siquer, que não chorasse...

Diria que a uma subita velhice
voara minhalma em glacial traspasse,
naquelle dia, quem meus olhos visse
e os meus cilios, de perto, contemplasse !

MARANHÃO SOBRINHO

Fôra melhor, melhor a toda a prova,
se, com o corpo de Sarah, descambasse
o corpo meu tambem na mesma cova !

Se com a sua a minha se esvaisse,
não havia um ninho só que não cantasse,
nem rosa, nos rosões, que não sorrisse !

VINGANÇA DE TIBERIO

Era um escravo vil Xuton; Roma o sabia
da porta palatina á Saburra, ao flagício,
como Tiberio o amava até mesmo ao supplicio,
Roma. a lôba. do escravo os cothurnos lambía.

Manchasse a sombra a noite ou o sol doirasse, o dia,
as thermas, humilhando o áquilo olhar patricio,
na liteira, de um rubro atroz. de vicio em vicio,
o escravo e o senhor iam de Via em Via...

MARANHÃO SOBRINHO

Levantou-se o Senado, e Roma toda, inteira,
o manto saadim, num desespero flavo...
Cesar doido da orgia e Xnton de liteira ?

E Tiberio os onvin e o seu odio os morden:
abraçando e beijando os colurnos do escravo,
Roma, a lóba do escravo os colurnos lambeu...

VESPERAL

Ha sangue nos crystaes dos vespertinos brillhos
e ha sangue nos crystaes das cascatas bizarras...
Cicia, verde, ao sol, a esmeralda dos milhos
e vibram, vivos, no ar, ri-ri-ris de cigarras,

Nos ramos, que a luz morde, ha dengues de estribillos,
sons de opala real de aligeras faufarras:
queima a luz vesperal o dorso dos novillos
e o ouro brilha, no céo, em laminaas, em barras !

MARANHÃO SOBRINHO

Flitam vivas, no azul, nuvens de lavandiscas
e os verdes arzoaes das pinturescas roças
turturiam na voz das peçoapás ariscas...

Derrama-se na tarde o oleo-santo dos chilros
e, innocentes, na luz, evolam-se das choças
cantarolas de amôr ao tré-tré-tré dos bilros...

SONETOS E POESIAS

TURRIS EBURNEA

Quando meus olhos se cerrarem, quando
'a magoa me cerrar os olhos, certo,
irei aos céos, em lagrimas, sonhando
ver-te e beijar-te, em lagrimas, de perto...

Oh ! mas a morte já me está tardando !
no entanto sinto-a no meu passo incerto...
E eu quero entrar no teu amor chorando,
no teu amôr aos martyres aberto !

MARANHÃO SOBRINHO

Quero, deixando os pelagos e alysmos
do mundo, ver-te, lá nos céos, sagrada
na grande Paschoa azul dos Mysticismos !

Dos beijos teus tenho saudade e fome...
Minhalma vive, em dôr, crucificada
nas cinco bras cheias do teu nome !

SONETOS E POESIAS

SATAN

Nas margens de crystal do Danubio do sonho,
chromadas de rubis, de perolas purpureas,
vê-se o immenso solar somnolento e medonho
do dragão infernal das Princezas escuras...

Guarda o nobre portal de alabastro tristonho
desse antigo solar, de maldictas luxurias,
em que fulge o brazão heraldico do sonho
não sei quantas legiões de duendes e furias !

MARANHÃO SOBRINHO



Sobre o marmore azul das columnas austeras,
que, em noivados de luz, o luar engrinalda
brilha o vivo crystal de aligeras chimeras...

Velam desse dragão o oriental thesoiro,
sobre um throno de rei, de massiça esmeralda,
dois soberbos leões, de grandes patas de oiro...

SONETOS E POESIAS

POETA SAUDADE

Ouvi-me, corações, que andais guitarreando
pela estrada, ao luar, vossos nuvos amôres,
as chorasas canções que ando, ao luar, cantando,
no eterno bandolim da saudade e das dôres...

Venho, às almas em flôr, meus versos desfolhando
do paiz virginal dos Reis, dos Trovadores,
pelas nuvens do céu de paixão desmaiando,
como as corças lambendo os orvalhos das flôres !

MARANHÃO SOBRINHO

Minhalma se traduz na tristeza de um goivo...
Têm morrido de amor muitas loiras princezas
por meus olhos azues de poeta e de noivo !

Orphanou-se o meu céu da sonata das côres...
Vivo agora a cantar minhas santas tristezas
no eterno bandolim da saudade e das dôres...

VERMELHO

Vermelho ! sangue... (Para que
tantos rancores, corações ?)
Sangue só sangue é o que se vê
por sobre todas as nações...
viuvez, miserias... Para que
tantas desgraças, corações ?

Ai ! está podre o mundo todo !
quero morrer ! quero morrer !
A nossa vida é fel e lodo...
Soffrer... soffrer... soffrer... soffrer...
E este meu coração todo
Verde de pus ha de morrer !

MARANHÃO SOBRINHO

Vermelha é a luz crepuscular...
(E eu vejo sangue até na luz !)
Ai, meu olhar ! ai, meu olhar !
Sangue dos cravos de Jesus,
sangue real crepuscular,
porque assim tinges a luz ?

Bandeiras rubras desfraldadas...
clarins em estos de rebates...
Sangue das pontas das espadas,
sangue thejano dos combates,
porque manchais as desfraldadas
bandeiras rubras dos combates ?

SONETOS E POESIAS

Vermelho ! o mar tumultuario...
Sangue nas aguas, sangue em terra !
Vermelha é a via do Calvario...
(Porque razão existe a guerra ?)
Ah ! velho mar tumultuario,
somente sangue eu vejo em terra...

Vermelho ! os pantanos vermelhos...
(O rubro em tudo deste mundo !)
E eu, sobre sangue, vou, de joelhos,
pallido como um moribundo !
Até os pantanos vermelhos...
O sangue em tudo deste mundo !

Basta de dôr ! Basta de dôr !
(Alma, bem alto a paz proclama !)
O proprio amor, o proprio amor.
hoje parece sangue e lama !
Dias de juizo tem a Dôr...
Alma, a côr branca, ao céo proclama !

JUDEU ERRANTE

Sabeis de onde sahi ? Ninguem pode saber-o !
Ando, roto, a bater ás portas dos solares,
trago a fome na bocca e trago até pesares
nas cans patriarchaes do meu longo cabelo...

Anda a morte a pairar nos meus tristes olhares,
na branca pompa astral de um vivo sete-estrello...
Nunca, ó céos ! encontrei a plumagem de um zelo
nem um raio de luz de macios luares...

MARANHÃO SOBRINHO

O gelo me anavalha os membros magros, lassos,
no entanto ha muito sol nos meus olhos de afflicto...
Ninguem pode saber a lenda dos meus passos !

Tenho sobre a cabeça infinitas galés...
Onde quer que se grave o meu passo maldito
sinto a terra gemer debaixo dos meus pés...

CONDESSA DE VAL DE LÍRIOS

No castello feudal de Dom Sonho Primeiro,
heroe da Santa Cruz, nas vermelhas cruzadas,
um loiro conde real, trovador e guerreiro,
viu-a, em branca visão, numa torre de fadas . .

Hoje o immenso solar é um velho pardieiro,
de muralhas azues e torres derrocadas,
onde se ouve do corvo o piar agoireiro,
em vez das vibrações das guitarras choradas . . .

MARANHÃO SOBRINHO

Diz a lenda do amor cortada de martyrios
que, no velho castello, um dia se encantou
a condessa real Branca de Val de Lirios.

E dizem mais que, quando a sombra a ruina esconde,
quando o sol ja, no occaso em nuvens, se occultou,
nos torreões passeia o fantasma do Conde...

VENCENDO O SAHARA

Queima as nuvens o sol, ensanguentando os ermos;
ais de sede se vão da face dos desertos.
No brazeiro cruel das areias sem termos
vás guiando, do azul, os meus passos incertos !

Passam, verdes, em luz, nos meus olhos enfermos
as miragens do amôr dos meus sonhos despertos . . .
Que alegria no além, sobre as nuvens, ao vermos
os espelhos de luz de cem lagos abertos !

MARANHÃO SOBRINHO

Vou, sem agua, transpondo as ingratas savanas !
Expira o meu olhar nos longes horisontes . . .
Caravanas atraz e, adeante, caravanas !

Bem dita sejas, fé, que, pela mão, me trazes !
Não tardam rutilar no oiro das nossas fronteas
as benções de crystal dos vividos oasis !

SONETOS E POESIAS

CHROMOS

I

De manhanzinha. Entre os ramos
da estrada verde e aromal,
a guzla dos gatoramos
tem vibrações de crystal...

No azul do céu ha recamos
de oiro e prata ! Matinal,
o ninho, ao vêr que passamos,
cochicha dentro do val...

MARANHÃO SOBRINHO

—Unde vão elles tão cedo ?
pergunta, tremente, um galho,
num cicio do arvoredo.

E um lirio, triste que é um goivo,
com os olhos nadando em orvalho,
tem pena de não ser noivo !

SONETOS E POESIAS

II

São seis horas. Na varanda
toda a família, em estreiteza,
senta-se em torno á vianda.
só se não senta Thereza. .

—Vem comer, menina, anda...
diz-lhe a mãe, e ella, em tristeza,
qualquer desculpa desanda
de um mal estar como prêsa...

MARANHÃO SOBRINHO

—Mas que tens hoje, Tutuca ?

—Não sei, não... «tou» sem vontade...

Diz o loiro do Manduca:

—Ella dixeu a xô Zoxino
qui num come de xodade...

—Gala esta bocca, meniño !

SONETOS E POESIAS

III

Emquanto mamãe Chiquinha,
no quarto o cassula embala
com os contos da carochinha,
os dois namoram na sala.

—Tu não te zangas, Corinha,
se eu te beijar? Anda, fala...
Não sei, não... diz-lhe a priminha...
E um beijo bem longo estála!

MARANHÃO SOBRINHO

A mãe, que, ao menor ruído,
se assusta, pergunta:—Córa,
que foi isto ? E attenta o ouvido . .

Diz-lhe a filha, que a escutou:
-- Não foi nada não senhora
foi o gato que espirrou . . .

SONETOS E POESIAS

IV

De noitinha. No terreiro.
que o luar macio rega,
brincam todos. num berreiro,
o jogo da cabra-cega...

Cotita, um anjinho inteiro,
somente a brincar se néga;
beliscou-a um companheiro
no meio da cegarrêga...

MARANHÃO SOBRINHO

—Quem foi? perguntam. Cotita
morde os lábios e, inocente,
diz, depois, loira e bonita:

—Foi o primo.. (e abaixa o olhar),
que, quando belisca a gente,
não belisca de vagar...

SONETOS E POESIAS

MAIO

Maio ! Chegaste. Os lírios dos caminhos
abrem-se aos beijos matinaes do dia;
os sonhos e as canções sóbem dos ninhos
fechados nalma em flôr da ramaria...

O' doce mez das rosas que os espinhos
não ferem ! mez que os olhos de Maria
estrellam ! como os olhos meus sosinhos
vieste encontrar cobertos de agonia !

MARANHÃO SOBRINHO

Nunca, uma vez, me viste assim, me viste
do teu amor tão tristemente aereo,
como hoje, o Maio de roupagem triste !

Como viste me encontrar ? Num val
de dôr: uma alma feita um cemiterio
e um corpo sobre um leito de hospital...

SONETOS E POESIAS

CREPUSCULARES

A tarde, em doce paz, tranquilla, desce.
Ha, por tudo, uma doce e immensa calma !
O perfume da prece,
se desatando do thuribulo da alma,
toda a tristeza vespéral invade,
como um sonho, parece . . .

E' a hora da saudade !

Sobre as aguas do rio vão passando
os barcos leves, em pequenas frotas,
como, as azas doirando ao sol, um bando
de serenas gaivotas . . .

MARANHÃO SOBRINHO

Como devem sorrir, neste poente
de sol, de tanta luz, de tantas côres,
fazendo inveja à gente,
as almas simples desses pescadores !

Geme, pelas alfombras,
lembrando os lábios das roceiras tôlas,
de arrulhos tristes perfumando as sombras,
o coração das rolas...

Devem viver confusas
de magoa as doces rolas amorosas,
que andam, de tarde, procurando os musas
pelas moitas cheirosas !

SONETOS E POESIAS

Cessa a voz das jaspissimas fanfarras
dos ninhos pelo perfumado val . . .
Corta o silencio o trillo das cigarras,
como uma flecha de oiro e de crystal.

Tambem meu coração cantava outrora
como os ninhos, se o sol nas nuvens arde,
desde o primeiro beijo azul da aurora
à derradeira lagrima da tarde

A morna viração
beija a esmeralda tremula das palmas.
E os barcos leves docemente vão
como os sonhos de amor das nossas almas.

MARANHÃO SOBRINHO

Eu firmemente creio
que, de uma tarde assim, doce, ao cair,
se fechará a hortensia do meu seio,
para não mais se abrir.

Que perfumes me vêm
da tarde que, de joelhos, esmorece !
Lembram-me os lábios de um sandoso alguém
que vive longe e que, por mim, *padece*.

Quanta tristeza nesta claridade
de sonho, do crepusculo caída !
Sei que mais uma tarde de saudade
leva-me o resto da manhã da vida

SONETOS E POESIAS

HERVAL

A bandeira da patria, ao vento, pamejava
quando elle, heróe de heróes, o gladio flammejando
tranquillo, do inimigo as hóstes carregava,
avalanche á avalanche, as hóstes derrocando !

Era a gloria que á dextra a espada lhe apertava,
no campo da batalha a púrpura arrastando !
A victoria, do azul, com os braços lhe acenava,
sobre os astros em flôr do céu se debruçando . . .

MARANHÃO SOBRINHO

Não o faziam recuar as hispidas metralhas
nem o bronze cruel das lanças baptisadas
de sangue, entre o clangor vermelho das batalhas !

E, altivo leão da guerra, ao vento esparsa a còma,
lembrava, combatendo, os heróes invejados
que souberam vencer sob as aguias de Roma...

SONETOS E POESIAS

MAIO NO CAMPO

Ri-se a manhã no vasto céu aberto !
Doiram-se os ramos, doiram-se os caminhos...
O passarêdo garrulo, desperto,
borda canções, macias como arminhos..

Vaga no espaço um morbido concerto
de perfumadas vozes e carinhos...
Um oasis de luz no céu deserto,
enche de vida o coração dos ninhos !

MARANHÃO SOBRINHO

Maio, poiso de amôr, vibrante e loiro,
gorgeia. O sol, as flammulas soltaudo,
galga do espaço a escadaria de oiro !

Passam, cantantes, pelo espaço em tóra,
azas, como se fossem regressando,
as derradeiras illusões da aurora !

PSALMO DA MINHA BIBLIA

Alma lactea de Risos e Luares.
Sete-Estrello vibrante do meu Sonho!
rendido á intrepidez dos teus olhares,
não tuas mãos meu coração deponho...

O' Mystica Visão dos meus Pesares.
Rôxo Martyrio que a mim mesmo imponho!
para rímar meus rutilos Cantares
meus Sonhos, todos, nos teus olhos ponho...

MARANHÃO SOBRINHO

Como te quero, ó Santa-Creatura...
cysuea Alpha do meu Deslumbramento,
mil vezes santa e duplamente pura !

A' alvorada do teu sorriso terno
leio o Missal do meu Padecimento
eterno, eterno, eterno, eterno, eterno...

VENUS

Quando o seu corpo á flôr das ondas veio,
guirlandado de espumas e sargaços,
de seducções a vaga encheu-lhe o seio
e, de traições, a syrte encheu-lhe os braços...

Por todo o mar houve um supremo anseio,
quasi humano de beijos e de abraços...
O sol, de luz e de calor mais cheio,
vibrou mais alto, nos azues espaços !

MARANHÃO SOBRINHO

Algas e espumas, sem querer, tecerem,
juntas, um berço de ideal cambraia
e o seu corpo de aurora receberam !

.. Nunca o mar vira tão celeste flôr...
Quando o seu corpo foi beijar a praia
a própria rocha estremeceu de amor !

SONETOS E POESIAS

VISÕES

Branças visões de Haydeas desgrenhadas,
mudas, lascivas, que em Sabbats medonhos,
vindes núas, do Inferno, conspurcadas,
assombrar-me a necropole dos Sonhos...

Não perturbeis as ruínas desoladas
dessa Memphis de escombros mil tristonhos,
onde ha múmias de Crenças sepultadas
em fendidas pyramides de Sonhos...

MARANHÃO SOBRINHO

Não desperteis, o' almas do Peccado !
essas velhas e escuras ruínas
que estrondaram de pompas no Passado !

Volvei aos vossos rubros Pandemonios
onde ha rictus macabros de Agonias,
o legião de Haydéas e Demonios !

SONETOS E POESIAS

NO HORTO DE GETHSEMANI

Paira nas sombras mortas, erradias,
do Horto um mixto de Saudade e medo...
Ermas de sonhos permanecem frias,
as somnolentas frondes do arvoredó.

O céu, sem nuvens que o nodoem, trêdo
como os olhos das languidas judias,
solemne de tristeza e nostalgias...
tem a mudez de um íntimo Segredo !

MARANHÃO SOBRINHO

Véla o Rabbino pallido, e padece.,
Vém, de sonhos, sensações fagueiras
crystalisar-lhe no silencio a Prece...

Manchando as sombras tristurosas, mudas,
que projectam no Horto as oliveiras,
erra o vulto satânico de Judas !

SONETOS E POESIAS

SINHA' DULCE

Hontem fui vel-a ao sen chalet de fada,
ninho escondido á sombra de frondentes
arvores, onde os passaros, contentes,
sonham canções ternissimas. Em cada

ninho, que as auras matinaes, dolentes,
vinham beijar, suspenso sobre a estrada,
vibrava um threno, uma canção doirada,
doce gomia. As palpebras trementes

MARANHÃO SOBRINHO

Da aurora em sonho, pallidas, choravam
lagrimas de oiro. e os ramos, de alegria,
como noivos, baixinho cochichavam...

Ao ver-me a aza de um sorriso doce
roçou-lhe os labios. Quando, em febre, vi-a
aos meus olhos o dia eclypsou-se...

TELA ALDEA

Sob a linha doirada do horizonte
que, sobre os serros, muito longe, ondeia,
abeirada num angulo do monte
extenso, ri-se a pequenina aldeia...

Em ziguez-zagues rútilos a fonte,
que a luz do sol primaveral prateia,
como um collar cingindo um mastodonte,
o serro immenso, a faiscar, colleia...

MARANHÃO SOBRINHO

Evolam-se das nitidas cabanas,
caracolando, as flammulas esguias
de fumo, azues. Derramam-se as cabanas

pelo declive da montanha. Azas
de pombas, como aereas nostalgias,
tatalam, mansas, sobre as alvas casas...

CELESTE

Toda a brancura duma estrella é pouca
para offuscar-te. ó perola do mar !
Patativas gorgeliam-te na bocca . .
Mil auroras faiscam-te no olhar !

Essa meiguice que teus labios touca
e que me faz com os ceos azues sonhar...
que coração gentil de rosa louca
poderá, entre as petalas, guardar ?

MARANHÃO SOBRINHO

Quando uma phrase de pureza santa,
vibra-te aos labios, trinula e celeste,
uma sonata no ambiente canta...

Semelhas Vesper repontando em brumas,
quando passas, na aurora que te veste,
pizando estrellas, machucando espumas...

AO PIANO

Quando correste as roseas mãos pequenas
sobre a brancura eburnea do teclado,
e o teu piano, o confidente amado,
encheu a alcova de secretas penas...

nem o casto pallor, das açucenas
ao brilho das estrellas comparado,
possuía o encanto ignorado
das tuas doces lagrimas serenas !

MARANHÃO SOBRINHO



Ardia-te na voz, quando cantavas,
o pudibundo aroma dos segredos...
e, nalma, como em sonhos, te exhalavas...

Tinhas no olhar um céu desabróchado
quando affagavam teus serenos dedos
as suspirosas pombas do teclado !

SONETOS E POESIAS

ALMAS

Almas de noivas mortas sem ventura,
muito antes da delícia do peccado...
que encerrastes, nos gelos da clausura
da morte, o vosso amor abençoado...

Almas, roxas violêtas da tristura,
campos sem flôres, flôres sem noivado,
que, em noites de luar, todas ternura,
entreveis um Céu de amôr doirado...

MARANHÃO SOBRINHO

Vós, que em noites de estrellas e orvalhadas,
andais, chorosas, suspirando os noivos,
como um sereno turbilhão de fadas,

pelos espaços ermos e tristonhos,
vinde viver, inconsolaveis goivos,
no sereno estrellario dos meus Sonhos...

IMPASSIVEL

Quando passas, cegando as multidões,
prendendo-as sempre em feiticeiros laços...
seguem, de joelhos, almas, corações,
a via-lactea de oiro de teus passos !

E vão, cheios de sonhos, de emoções,
ardentes como a febre dos espaços...
sequiosos de amor e de illusões,
até, vencidos, succumbirem lassos...

MARANHÃO SOBRINHO

E, triumphal, tu segues, empunhando
o vermelho estandarte da insolencia,
rindo daquelles que se vão ficando...

Seguem-te, assim, promessas e gemidos
e o orgulho, sempre ao lado da inclemencia,
corta-te a voz e chumba-te os ouvidos !

BACCHANTE

Estranha flôr de aroma estranho ! Lirio
de carne e sonho, de volupia e gèlo !
quem te aspira uma vez sente o delirio
da morte e sonha a paz do Sete-estrello...

O sól de sangue do deserto assyrio
não cêga mais que a luz do teu cabelo
negro, da côr dos halos do martyrio,
irmão do crime e irmão do pesadèlo...

MARANHÃO SOBRINHO

Nas fôrmas lembrás jaspes e alabastros,
estatuas de hemadryadas chorosas,
fulgurações de lagrimas e de astros...

Ha, no teu seio, ó pérola bacchaute !
da brancura das brancas nebulosas,
toda a aromal luxuria dó Levante.

RUBRO

Purpura côr de Syrius ! Côr da guerra,
das flâmmulas sangrentas da batalha !
Côr que enlouquece, que embriaga e aterra,
derramada na arena ou na muralha !

Côr de gritos ! Clarim das côres ! Serra
do Emocionál que o espirito retalha !
Phebea côr da volupia sobre a terra
derramada, que grita — que farfalha !

MARANHÃO SOBRINHO

Côr do Sol-Posto ! Côr do inferno ! Côr
dos punhaes e das lanças, diffundida
por toda a terra, como a Luz e o Amôr...

...Regia côr dos seus labios escaurates !
Suprema côr da Morte e côr da Vida
dás-me a visão de auroras e combates...

NA ESPIRAL DO INFERNO

Quando em minha alma os platanos do Horto
dos Sonhos gemem, como um kirie, ao vento,
e os céos, lembrando as palpebras de um morto,
dormem, na paz de um velho monumento

assyrio, no deserto immenso, absorvo
no lotus de oiro e azul do firmamento,
desço aos infernos do meu desconforto
nas azas triumphaes do pensamento...

MARANHÃO SOBRINHO

E, lá no fundo, entre os purpureos gritos
de tantas esperanças condemnadas
sinto os meus olhos naufragos, affictos,

vendo, nas espiraes do amôr, tristonhos,
labios em flôr e frontes calcinadas
por tantos beijos e por tantos sonhos !

RAINHA DO MAL

Na torre augusta da Opulencia, em cujas
setteiras de oiro e barbacans gargalha
o gypaeto e a nenia das corujas
lembra o ranger de um panno de mortalha.

o Crime, como um còrvo de azas sujas,
de olhos rubros, da còr de uma fornalha,
vôa e revôa, em feias garatujas,
e, com o seu pio, a escuridão retalha...

MARANHÃO SOBRINHO

Lá te encontrei, na torre da Opulencia,
núa, da côr da Via-Lactea, os hombros
cheios de estranha, de exquisita essencia !

E tu, pompa do mal, que não se attinge,
pairavas sobre os infernaes escombros
com os olhos petreos como os de uma sphynge...

O OITAVO CIRCULO

Ha no inferno um logar negro, apartado.
onde mil vezes mais as chammas crescem,
e os que, nesse logar, estão padecem
mil vezes mais que os outros, do outro lado...

Por toda a parte ha gritos que parecem
os gritos roucos de um leão farpeado
nos rins. e fulvo, de oiro. e ensanguentado
crepita o fogo e as labaredas crescem !

MARANHÃO SOBRINHO

Mas quem pode viver nestas solapas
do inferno ? E a Voz do Bem, que me acompanha
mostrou-me Reis e púrpuras de Papas. .

E o fogo atroou, como milhões de trompas
barbaras, dentro da infernal montanha
de pompas rubras, de sangrentas pompas !

SONHOS

Sonhos... Azas perdidas no alto, em bando,
entre as nuvens azues e entre as esferas...
Velas abertas, côncavas, inflando
em mastros de triremes e galeras !

Sonhos da infancia: Fadas habitando
castellos moiros guirlandados de heras...
A Gata Borracheira se enfeitando
e a Chapelinho a conversar com fêras !

MARANHÃO SOBRINHO

**Sonhos da mocidade: O azul dos ares
os laranjaes de aromas povoando...
Rosas abertas... Velas sobre altares...**

**Sonhos de velhos: Nevoas e Trindades
e, sobre ellas, em lagrimas, pairando
saudades de saudades de saudades...**

SONETOS E POESIAS

POETAS MALDITOS

Quando, pelo clamor dos meus pecados, tive
de, á Treva Inferior, descer, á voz do Eterno,
ralando-me do Mal no asperrimo declive,
como um deus rebelado e tonto de falerno,
sobre os antros mais nús, como Alighieri, estive
suspenso, a contemplar o delirio eviterno
das pompas sensuaes de Gomorrha e Ninive,
situadas ao pé do Stramboli do Inferno...

MARAN HÃO SOBRINHO

Gritos e imprecacões, que as chammas retalhavam,
como gladios de bronze, em barbaras campanhas,
de entre as lavas de sangue e sulpho se elevavam.
enquanto, aos olhos meus, nos infernaes retiros,
o fogo, devorando o ventre das montanhas,
dava uns tons de gangrena ás azas dos vampiros...

Com as unhas lacerando a púrpura sangrenta,
que, dos hombros de auroch, em pregas, lhe cahia,
vi Nero, inda exhibindo a mesma fronte odienta
que, no incendio de Roma, ás chammas exhibia...

SONETOS E POESIAS

Raivava como um cão, mostrando a saburra
língua e, a espaços, também, ás escancaras, ria
epileptico, ao vêr as almas em tormenta
atravessando o horror da satânica orgia
de fogo, no solar do Príncipe Demónio.
para. empós, como os cães corridos, lazarentos,
encolher-se, entrevendo o vulto de Petronio,
que, arrepanhando a toga e erguendo a eburnea fronte,
ia e vinha, a cantar, nos outros pestilentos
do Inferno, uma canção de amor de Aquachreonte

MARANHÃO SOBRINHO,

Entre uma legião de sceptros e tonsuras,
Voltaire, viu-me e sorriu, com um sorriso endiabrado
de caveira, a expellir das orbitas escuras
ironias, de um tom de bronze avermelhado...

Blasphemava, estalando as hirtas ossaturas
do esqueleto e mostrando o braço descarnado,
num gesto de rebelde às lividas alturas
e a enterrar-se ainda mais no Inferno, brado a brado...

SONETOS E POESIAS

Erguia, empós. o olhar da treva aos coruchéus
e escarrava, dizendo, em nojo, que o fazia
no orgulho de Lusbel, sobre a fronte de Deus !
E, quando assim falavam os seus labios, á mingua
de fé, de gôta em gôta, entre assombrado, eu via
como um visgo de fôgo a escorrer-lhe da lingua...

Tambem lá te encontrei, Tristan Corbière, nas grutas
do Demonio, cantando umas canções remotas
como o oceano, que morde as praias de oiro, enxutas,
no virente esplendor das vivas bergamotas...

MARANHÃO SOBRENHO

Tremia-te entre as mãos, em purpuras volutas
de sons, a harpa do Mal, fazendo, sob as cótas
dos hoplitas do Inferno, o amôr ao sangue e ás luctas
triumphar transluminoso, em tumidos Eurótas...
Os teus olhos crucis, em flammis de palhetas
de oiro jalde, varando as vastidões afflictas
silenciavam do fôgo as púrpuras trombetas
de bronze, que, a planger, nas mysticas oblatas
sangrentas do Demonio, em helicinas malditas,
acordavam do Inferno as furnas escauratas...

SONETOS E POESIAS

Desbordes e Mallarmé oscularam-me a fronte
e passaram, por uma azul chamma impellidos:
chamei-os e o rumor das lavas do Acheronte
triste abafou-me a voz, cercando-me os sentidos...
Quando acordei me vi perto da negra fonte,
entre um vivo clamor de pragas e gemidos,
deante do inquieto olhar de um cerbero bifronte
com os olhos como dois santelmos accendidos...

Vi, momentos depois, em pallidez exangue,
Rimbaud e Villiers de L'Isle Adam, chorando,
e o seu pranto infernal era de lodo e sangue...

MARANHÃO SOBRINHO

E, quando recuei de agro pavor, Lillian
surgiu-me e, empós, se foi pelas trevas clamando:
Satan ! Satan ! Satan ! Satan ! Satan ! Satan !

SONETOS E POESIAS

EM HOLOCAUSTO

Cysne ! podes vogar sobre o infinito lago
inquieto do meu sonho, em cujo fundo cerra
o estrelario do céu as palpebras, ao affago
da noite, que perfuma os roseirões da terra !

Pomba ! podes dormir no agreste ninho vago
dos meus olhos, que o teu olhar enleva e aterra
e algema, com o esplendor exotico de um mago
sol de Maio escarpando a opala de uma serra...

MARANHÃO SOBRINHO

Lôba ! podes saciar toda a tua sêde em minhas
arterias, em meu sangue em flôr, em minhas veias
que palpítam, no amôr, como azas de andorinhas

emigrando, na paz da tarde augusta e calma !
Serpe ! podes morder meus sonhos que alanceias,
e enroscar-te no cedro angusto da minha alma !

SONETOS E POESIAS



FABIOLA

Todo um Jardim-Suspenso de helianthos
floresce e dorme no teu corpo ondioso,
Columna de Oiro em cujo fusté ha acanthos
pendendo as folhas humidas de goso...

Beijam-te os hombros, alvos como espantos
e os espasmos de um luar prodigioso,
os luminosos, os purpureos mantos
da volupia, do Hausto-Tenebroso...

MARANHÃO SOBRINHO

As labaredas purpuras do Vício
queimam-te as formas brancas, crepitando
como as chamas cruéis de um Sacrifício !

Quem te segue de perto vai sentindo
a impressão de quem sonha e está sonhando
sobre um vulcão de beijos explodindo...

SONETOS E POESIAS

TORRE DE SONHO

Na Palmyra do Sonho ha uma torre encantada
de onix e opala e oiro e esmeralda amethysta;
a alma anciosa que lhe ergue, ao sol glorioso, a vista
retira-a, logo empós, humilde e deslumbrada...

E' a Torre do Triumpho, é a Torre da Conquista
pelos titães da Forma á Emoção levantada
sobre alicerces de oiro, é a torre argamassada
com sangue a que só ascende a aza immortal do Artista !

MARANHÃO SOBRINHO

Para attingir-lhe o fim muitos têm succumbido
da vertigem, que empolga os fluidicos espaços,
na ancia de vêr, de perto, a Estrella do Escondido...

Tu, porém, alma em flôr, em breve, has de ascendet-a,
com um par de azas mais por cima de teus braços,
até roçar com a fronte a mais remota estrella !

ENTRE O CÉO E A TERRA

Erguendo o olhar à fauce dos abysmos
do céu, qual haste ao vento, oscillo, e penso
nos grandes, nos fataes magnetismos
do Pomposo, do Rútulo, do Immuenso !

O azul desperta sonhos e hysterismos,
lembra um enterro sobre nós suspenso
de velados e brancos mysticismos,
toda uma marcha funebre de incenso...

MARANHÃO SOBRINHO

Descendo os olhos dos azues mermes,
vejo esqueletos, em visões dançando,
cobertos de ouro, de paixões e vermes...

E, sobre o lódo mundanal-medonho,
vejo somente, como um sol, boiando
a hortencia de ouro e de crystal do Sonho !

NO VALLE AMASONICO

Sobre o ocaso de brouze os altos castanheiros
perfilam-se, espanando o céo com as frondes; brilha
um segmento de sol, ao coar dos guerreiros
comparavel, de um rubro atroz, que maravilha...

Éspiralando, grimpa, em abraços feiticieiros,
os troncos jaldes, verde, em haustos. a baunilha
cheirosa; os barcos vão, de azas pardas, veleiros,
sobre as aguas a voar, como uma flecha a quilha...

MARANHÃO SOBRINHO

Ilhas de mururés. fluctuantes, povoadas
de ninhos e canções desceem do rio a esteira
pela corrente azul, de opala em flôr, levadas !

Surdem da canarana ariscas embiâras
emquanto, da corrente em sol, fulgindo, à beira
se banham, de olhar verde, as flaccidas niaras...

SONETOS E POESIAS

EVOCAÇÕES

Saudade ! O sol a se esconder. O gado
descendo a serra, longe. entre mugidos
tristes e a voz do correjo anilado
enchendo a tarde branca de gemidos !

Saudade ! Eu pequenino. O olhar sagrado
de minha irmã contando aos meus ouvidos
a historia de algum Rei-Moiro encantado
à voz das rôlas dos sertões perdidos...

MARANHÃO SOBRINHO

O velho alpendre à mansa claridade
do luar, como em sonho, despontando
entre as saudosas arvores ! Saudade...

A mãe-da-lúa as queixas desfiando
e minha mãe, branquinha de piedade,
diante do altar do Bom Jesus rezando...

SONETOS E POESIAS

MEMPHIS

Pairam sobre os destroços somnolentos
de Memphis sombras, de pavor peçadas
sobre as velhas muralhas derrocadas
passeiam livres os leões sangrentos...

Como uma orchestra de crueis lamentos,
galopam sobre as ruínas desoladas,
raivosos, em cyclopicas rajadas
fortes, rugindo, do deserto os ventos...

MARANHÃO SOBRINHO

O velho Nilo uma serpente finge...
talvez sonhando os prístinos heróes
dorme, assombrando as solidões a Sphynge...

Ungem as sombras as visões e os gryphos...
Fazem lembrar os velhos pharaoes
as columnas tatuadas de hieroglyphos.

SONÉTOS E POESIAS

INTERLUNAR

Entre nuvens cruéis de púrpura e gerânio,
rubro como, de sangue, um hoplita messenio
o sol, vencido, desce o planalto de urânio
do occaso, na mudez de um recolhido essenio...

Veloz como um corcel, vôando num mytho hyrcanio,
trememente, esváe-se a luz no leve oxigenio
da tarde, que me evoca os olhos de Stephanio
Mallarmé, sob a uncção da tristeza e do genio !

MARANHÃO SOBRINHO

O onix das sombras cresce ao trágico declínio
do dia que, a lembrar piratas do mar Jonio,
põe no ocaso, clarões vermelhos de assassinio...

Vem a noite e, lembrando os Montes do Infortunio,
vara o estranho solar da Morte e do Demónio
com as torres medievas e as sombras do Interlunio...

ULTIMA FOLHA

... E o mais dos carunchosos manuscritos
não se lê, pela traça que os carcome;
são paginas, talvez, feitas de gritos,
mas ilegíveis no mais breve nome...

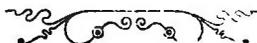
Vê-se, porém, que mãos e olhos afflictos
traçaram-nas chorando, á sede e á fome
de beijos e de abraços infinitos,
em qualquer folha que nas mãos se tome...

MARANHÃO SOBRINHO

A poeira de seculos de magoa
deu ás restantes folhas a tristeza
das ravinas e córregos sem agua...

E a traça a mesma antiga opacidade
da historia assyria, escripta na aspereza
dos marmores sem fim de Khorsabad...

INDICE



Papeis Velhos.	9
O Mar.	11
Ma—Tsu	13
Anjo Morto.	15
Sinhá.	17
Sacrificio.	19
Morte do Lirio.	21
Soror Thereza.	23
Bruxo.	25
Cego e So.	27
Castello Assombrado	29
A saudade.	31
D. Mystica.	33
Doce Bem.	35
Salomé.	37
Rosa Morta.	39
Musa Impolluta.	41
Santa	43
Ancia Innocente.	45
O Amor.	47
Sonho Alado.	49
Olhos de Amor.	51
Arte	53
Regresso de Maio.	55
Romana	57
Bom Tempo	59
Caminho do Céu.	61
A Tristeza.	63
Mãe.	65

Eterno Thema	67
Fugindo.	69
Romantico.....	71
Suprema Gloria..	73
Cavalleiro.....	75
Ave Erradia	77
Chromo.	81
Meu Canario	83
A um Bebedo.....	85
Olhos Verdes....	87
Noivando. ..	89
Estrella Matutina	91
Cheia de Graça.....	93
Confidentes.....	95
Sarah.	97
Vingança do Tiberio....	99
Vesperal.....	101
Turris Eburnca.....	103
Satan	105
Poeta Saudade	107
Vermelho.....	109
Judeu Errante	113
Condessa de val de Lirios	115
Vencendo o Sahara.....	117
Chromos I.....	119
" II.....	121
" III	123
" IV.....	125
Maio.....	127
Crepusculares ..	129
Herval.....	133
Maio no Campo ..	135
Psalmos da minha Biblia	137
Venus.....	139

Visões...	141
No horto de Gethsemani...	143
Sinhá Dulce...	145
Tela Aldea...	147
Celeste...	149
Ao Piano...	151
Almas...	153
Impassível...	155
Bacchante...	157
Rubro...	159
Na espiral do Inferno...	161
Rainha do Mal	163
O.ôitavo Circulo...	165
Sonhos	167
Poetas Malditos...	169
Em Holocausto...	177
Fabiola...	179
Torre de Sonho	181
Entre o Céu e a Terra...	183
No vale Amasonico...	185
Evocações...	187
Memphis...	189
Internular	191
Última folha...	193



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).